

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IN MEMORIAM JAMES CAAN  
12 e 30 de setembro de 2022

## FUNNY LADY / 1975

(*Funny Lady, Um Mulher Endiabrada*)

Um filme de Herbert Ross

Realização: Herbert Ross / Argumento: Jay Presson Allen, Arnold Schulman / Direção de Fotografia: James Wong Howe, Vilmos Szizmond / Montagem: Marion Rothman, Maury Winetrobe / Cenografia: Audrey A. Blasdel / Guarda-roupa: Ray Aghayan, Bob Mackie / Som: Jack Solomon / Música: Fred Ebb, John Kander / Coreografia: Howars Jeffrey / Interpretação: Barbra Streisand (Fanny Brice), James Caan (Billy Rose), Omar Sharif (Nick Arnstein), Roddy McDowall (Bobby), Ben Vereen (Bert Robbins), Carole Wells (Norma Butler), Larry Gates (Bernard Baruch)...

Produção: Columbia Pictures, Rastar Pictures / Produtor: Ray Stark / Cópia: DCP, a cores / Duração: 137 minutos / Estreia Mundial: Estados Unidos, 15 de março de 1975 / Estreia em Portugal: 1976 / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa

---

Realizado sete anos após FUNNY GIRL (William Wyler, 1968), FUNNY LADY marca o regresso de Barbra Streisand ao papel com que estreou a sua carreira cinematográfica. Este filme é uma sequência e completa uma *biopic* bastante ficcionalizada da vida profissional e romântica de Fanny Brice, comedianta que atingiu um elevado grau de sucesso na Broadway durante os anos 20 e 30. Para este filme, Ray Stark, produtor do filme e genro de Fanny Brice, contratou Herbert Ross, bailarino que tinha coreografado *Funny Girl* e dava os seus primeiros passos numa carreira de realização que, apesar de curta, foi muito bem sucedida principalmente no género musical. Se o grande sucesso de FUNNY GIRL se deveu, por unanimidade da crítica americana e europeia, ao estrondoso carisma da voz e da interpretação Barbra Streisand, de FUNNY LADY pode dizer-se que vive da nostalgia pela prequela, agarrando-se ao talento da cantora e à história de amor entre Brice e Nicky Arnstein (Omar Sharif).

Assim como a sua protagonista, FUNNY LADY, é no seu todo assombrado pelo fantasma do filme anterior. Enquanto acompanha Brice pela Grande Depressão económica e pelos consequentes fracassos que teve na Broadway, a narrativa divide-se entre o seu encontro e posterior casamento com Billy Rose, jornalista e produtor teatral com quem tenta voltar à fama, e à tentativa de libertação da angústia provocada pelo amor obsessivo que ainda nutre por Nick Arnstein. Por esta razão este filme poderá ser visto de uma forma mais próxima para quem já viu FUNNY GIRL.

Omar Sharif aparece apenas e inadvertidamente nos pontos de resolução da história, deixando um vazio sobre o qual toda a narrativa perde a sua estrutura significativa. Mesmo os números musicais mais impactantes, entre os quais se encontra *How Lucky Can You Get*, acabam por estar relacionados com a luta pessoal de Fanny Brice para se libertar do amor por Nick Arnstein. Apesar de uma interpretação irrepreensível, a personagem de James Caan acaba por ter um lugar ingrato, já que ao longo de todo o filme cresce uma sensação de isolamento narrativo do percurso de Fanny Brice, enquanto que, proporcionalmente, todas as outras personagens acabam por perder importância.

Apesar do contrato para este filme ter sido feito logo desde FUNNY GIRL, Streisand estava decidida a recusar regressar a este papel, mudando de ideia quando leu o argumento que apresentava uma Fanny Brice mais madura e assertiva espelhando a personagem numa fase que contorna a anterior imagem ingénuo e impulsiva para se tornar mais consciente e sóbria da sua carreira. Apresenta-se, deste modo, mais forte, confiante e glamorosa. Estas qualidades direcionam Streisand para uma abordagem mais dramática e menos confortável nos números musicais e momentos de comédia, conferem ao cerne deste filme uma exploração ética da vida de Brice. Herbert Ross adicionou mais autenticidade à história, no entanto, a sua produção perdeu a intensidade, o amor e humor.

Manuel João Montenegro